

O LEITOR E ESCRITOR DO CIBERESPAÇO / THE READER AND WRITER OF CYBERSPACE

Gláuci H. Mora
Universidade Paulista (UNIP)
glamora@terra.com.br

Resumo

As mudanças econômicas, políticas e sociais pelas quais o mundo passa são reais e irreversíveis. O advento das transformações, principalmente no âmbito científico e tecnológico, instiga a ponderar sobre a necessária educação mediadora e globalizante, em que o leitor e o escritor proficientes se constituem. Assim, diante desse cenário e com a presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea, novas possibilidades de expressão e de comunicação estão postas. O universo do ciberespaço e a navegação pelos hipertextos criaram um novo perfil de leitor e escritor. Neste artigo, preocupamo-nos e refletimos sobre esse novo perfil leitor e escritor, no contexto de uma sociedade líquida, excludente e digital. Ressaltamos ainda o necessário letramento digital na graduação, no contexto de uma democracia social que implica a modificação na estrutura do poder e a redefinição do uso social do conhecimento (BRITTO, 2003). Diante das necessárias reflexões neste artigo, destacamos também a importância e a urgência da mediação significativa docente em instituições escolares de diversos níveis, inclusive e principalmente nas universidades. Objetiva-se, também, refletir sobre a necessária constituição de sujeitos (estudantes) autônomos que sejam inseridos no seu processo histórico, tornando-se pessoas conscientes de seu potencial, autoras de seus discursos e ativas, já que dados do *Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)* registram que 70% da população brasileira não leem e não escrevem com proficiência.

Palavras-chave: Mediação docente. Leitor e escritor. Ciberespaço. Tecnologia digital. Letramento digital.

Abstract

The economic, political and social changes that the world has been going through are real and irreversible. The advent of changes, especially in the scientific and technological fields, instigates to consider on the necessary mediating and globalizing education, in which the reader and the writer are proficient subjects. In this scenario and in the presence of digital technologies in our contemporary culture, new possibilities of expression and communication are set. Cyberspace universe and navigation in hypertext have created a new reader and writer profile. In this article, we are concern with this new reader and writer profile, in the context of a liquid, exclusionary and digital society. We also emphasize the necessity of digital literacy in college, in the context of a social democracy which implies the change in power structure and the redefinition of the social use of knowledge (BRITTO, 2003). In face of the necessary considerations presented in this study, we highlight the importance and urgency for a significant mediation teaching at various levels in school, especially in Universities. This paper also aims to consider the need to place the autonomous subjects (students) in their historical process, thus they can become aware of their potential and be an active author of their own voices, as Functional Literacy Indicator data (Inaf) reports that 70% of the Brazilian population do not read and do not write proficiently.

Keywords: Teaching mediation. Reader and writer. Cyberspace. Digital technology. Digital literacy.

1. Introdução

A sociedade do terceiro milênio está imersa em um contexto de expressões plurais em que complexas realidades multiculturais se inserem e entrecruzam em uma ampla diversidade de tradições religiosas, étnicas, políticas, sociais e de gênero. As mudanças econômicas, políticas e sociais pelas quais o mundo passa são reais e irreversíveis. O advento das transformações, principalmente no âmbito científico e tecnológico, instiga a ponderar sobre a necessária educação mediadora e globalizante, em que o leitor e o escritor se constituem.

Diante desse cenário, muitas formas de ensinar não se justificam mais e não apenas são obsoletas como também limitam o educando ao acesso aos bens culturais, à sua emancipação e à sua constituição como ser humano. Os desafios do ensinar com qualidade estão postos, assim como o almejar uma educação de qualidade que integre ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação. Uma educação que integre as dimensões do estar no mundo e nele agir, trilhando um caminho intelectual, emocional e profissional, que realize o estudante e modifique a sociedade.

O ensino em sociedade de informação e conhecimento requer uma prática pedagógica mediadora, capaz de criar âmbitos para a construção do conhecimento que cada vez mais se dá a partir de processamentos de informação do ciberespaço, “juntando” pedaços de textos de várias linguagens superpostas simultaneamente.

Assim, o leitor e escritor de ontem já não lê e escreve como outrora! Ele hoje, leitor e escritor do ciberespaço, tem mais dificuldade em conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos,

menos engessados. Eis nosso objeto neste artigo: refletir e discutir a importância da mediação docente eficaz em tempos de leitores e escritores do ciberespaço cuja educação escolar fora excludente e desigual.

2. Desenvolvimento

2.1 Contextualizando

Antes de refletirmos sobre o leitor e o escritor do ciberespaço e a necessária mediação docente, gostaríamos de tecer algumas considerações a respeito da educação escolar brasileira, principalmente sobre o ensino em muitas instituições públicas. A escola possui uma aprendizagem que se afasta do real em benefício de uma reorganização burocrática, temporal e metodológica *supostamente* favorável à aprendizagem (COLELLO, 2007). A leitura e a escrita no banco escolar são destituídas de seus lugares naturais, do mundo, e colocadas em território diferente, mecânico e tarefeiro. A instituição escolar, ao “escolarizar” tudo o que toca (LARROSSA, 2007), impõe um abismo que separa a prática escolar tradicional da prática social da leitura e da escrita.

Longe de estar imersa no universo vivo e real de significação, a linguagem torna-se artificial, tarefeira e longe da realidade cotidiana dos estudantes. Ressaltamos que no âmbito essencial da vida, o ser humano se configura como existência sentida, experimentada para se constituir como indivíduo. Essa é uma referência significativa para refletirmos sobre o espaço ensino-escola da educação brasileira no que concerne ao trabalho com a linguagem, com as linguagens do ciberespaço, porque quando se ignora a natureza dos discursos em sala de aula, apaga-se a ligação existente entre linguagem e vida, e, ao fazer isso, ignora-se a leitura e a escrita como ações culturais, articuladas a valores e saberes socialmente dados, como ato de posicionamento político diante do mundo.

Há muito a discutirmos e refletirmos sobre a educação escolar e sobre a importância de uma

práxis educacional significativa e democrática. No entanto, cabe aqui ressaltar, antes de qualquer discussão sobre as novas tecnologias educacionais, o novo perfil leitor e escritor, a partir dos dados do *Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)*²², que registram que 70% da população brasileira não leem e não escrevem com proficiência, lembrando que “É considerada analfabeta funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não tem as competências necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional” (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, [s.d.]).

A partir desses dados, como professora universitária, a autora deste artigo sabe que muitos alunos que passaram por essa escola “tarefeira e artificial” e constituem essa porcentagem do Inaf estão hoje na graduação e serão futuros profissionais: professores, administradores, enfermeiros, dentistas, engenheiros etc. Nesse sentido, vale nossa reflexão:

- Como o professor tem sido formado para o exercício da sua prática docente?
- O professor é leitor e escritor proficiente? E do ciberespaço?
- Como professores formam leitores e escritores proficientes em uma sociedade desigual e excludente?
- Qual é o perfil do leitor e escritor do ciberespaço diante dos dados do Inaf?
- Como empregar as possibilidades fornecidas pelas novas informações virtuais a serviço da educação?

Assim concluímos nossas considerações antes de dissertarmos sobre o leitor e escritor do ci-

berespaço. É fato as novas tecnologias terem revolucionado de forma intensa o viver e comunicar-se em sociedade; no entanto, essa “revolução da informatização não distingue informação de conhecimento nem as formas como uma e outro são construídos e divulgados” (BRITTO, 2003).

Eis essa necessária contextualização, com as indagações já expostas e a constatação de Britto que muito direciona docentes universitários rumo a uma necessária e significativa metodologia, à inclusão e ao letramento digital dos nossos estudantes a partir da já exclusão do ensino de língua escrita e da formação leitora em um âmbito de possibilidades existenciais, de autoria de discurso, de autonomia.

2.2 O leitor e o escritor do ciberespaço em sociedade líquida e digital

Já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Pensar a sociedade, com tantas modificações, transformações, inovações e as várias formas do dizer e do ler em vários suportes oportuniza refletirmos sobre a sensação de rapidez, fluidez. A modernidade avança em vários sentidos. Eis que surge o conceito de sociedade líquida, na qual os líquidos não têm uma forma, ou seja, são fluidos e se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, diferentemente dos sólidos, que são rígidos e precisam sofrer tensão de forças para moldarem-se a novas formas. Os fluidos movem-se facilmente, “escorrem pelos dedos”, “transbordam”, “preenchem vazios com leveza e fluidez”. Na modernidade líquida, as ideias de tempo e espaço estão relacionadas à ideia de fluidez, por estarem em constante mudança e serem olhadas com olhar de maleabilidade, flexibilidade e capacidade de moldar-se (BAUMAN, 2001).

²² *Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)* é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e realizado com o apoio do Ibope Inteligência com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano.

As linguagens líquidas, neste contexto, *que entram na dança das instabilidades*, tornam-se mais presentes no ciberespaço, onde as interações são líquidas, e a individualização é uma consequência do desprendimento das redes sociais. Eis que a leitura na concepção do historiador Roger Chartier (1996) dialoga com a proposta da liquidez, fluidez, em que a leitura é uma prática “apropriativa” e histórica, ou seja, mutável e plural. Assim, entendemos também que as mudanças nos suportes de leitura podem gerar mudanças na forma de ler e escrever.

Os verbos ler e escrever não têm uma definição unívoca. [...] Ler não teve e nunca terá o mesmo significado no século XII e no século XXI. A tipologia textual tampouco consiste num conjunto fechado de gêneros. Estamos, com efeito, assistindo ao surgimento de novos modos de dizer e novos modos de escrever, de novos modos de escutar o oral e de ler o escrito (FERREIRO, 2005, p. 40).

Com esses referenciais, pode-se refletir sobre como se configuram as formas de leitura de textos em ambientes digitais em comparação com aquelas travadas nos textos impressos. Além disso, podemos navegar pelo ciberespaço e entrar em contato com diferentes gêneros e tipos textuais em vários estilos, autorias e variações linguísticas, hipertextos estes que são ilustrados e animados com a mais alta tecnologia e se transformam radicalmente.

[...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestava. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Eis a delícia do trabalho com os textos do ciberespaço e suas possibilidades de pesquisa, estudo e

ampliação de horizontes nunca navegados e vivenciados! No entanto, não nos esqueçamos da formação leitora e escritora em escola reprodutivista, que, independentemente do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), forma alunos que não usam uma linguagem viva, dialógica e emancipatória, uma vez que não são proficientes leitores e escritores. Para Chartier (2009, p. 103-4), os que são considerados não leitores, no entanto, leem “[...] coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima”; são os que chamamos de leitores e escritores do ciberespaço, *imersivo e virtual* (SANTAELLA, 2004, p. 31), um leitor do hipertexto e do ciberespaço, que está pronto para receber e ler novas informações, que recorre a mensagens de textos em redes sociais, *sites* de notícias e fofocas, fóruns de discussão, *e-mails*, *chats*, entre outros, dividindo a atenção com outros recursos midiáticos: leem, teclam, assistem, ouvem, “pensam” e “produzem”, aspas aqui porque, como professores universitários, desejamos o pensar e o produzir com reflexão, autoria e responsividade. Dessa forma, o problema é as leituras e escritas do ciberespaço serem fragmentadas, não lineares, curtas e simples! Quando a leitura e a escrita no ciberespaço se dão em um nível de profundidade de raciocínio, como na leitura de um estudo e na pesquisa acadêmica, podem tornar-se desinteressantes e tediosas.

Refletamos: nunca tivemos tanto acesso à informação, a leituras, estando tão carentes de conhecimento. Constroem-se apenas ideias fragmentadas, pautadas pelo senso comum, uma vez que a “revolução da informatização não distingue informação de conhecimento nem as formas pelas quais uma e outro são construídos e divulgados” (BRITTO, 2003, p. 53). Assim, vejamos a importância da mediação pedagógica, o papel do professor.

2.3 O professor universitário mediador e o aluno *imersivo e virtual*

Textos são aqui definidos, incluindo informações verbais, visuais e numéricas, na forma de mapas, pinturas e música, de arquivos de som, de

filmes, vídeos e qualquer informação armazenada em computador, tudo, de fato, desde a epigrafa até as últimas formas de discografia. Não há escapatória do desafio que as novas formas criaram (MCKENZIE, 2004, p. 13, tradução nossa).

Ressaltamos em todos os tópicos deste artigo as mudanças e a caracterização da sociedade, além da escola, ainda tarefaira e reproduzida. No entanto, não destacamos que vivemos a era contemporânea do conhecimento, na qual as Tecnologias de Informação e Comunicação são significativas para compreender e transformar o mundo.

Pensar a universidade e seus protagonistas no terceiro milênio é pensar na necessária formação de um sujeito que é individual, singular e autor de seus discursos. Dessa maneira, torna-se fundamental refletirmos sobre a formação de docentes universitários mediadores. Há professores que muitas vezes se mostram inseguros em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação e demonstram pouco interesse em incorporá-las à prática pedagógica. Além disso, muitos não possuem sintonia com a modalidade comunicacional emergente (TIC) e o seu uso eficaz e mediador. Dessa forma, baseiam-se no falar-ditar do professor, na transmissão de um A para um B ou de um B para um A. Desconsidera-se, portanto, o novo perfil do interlocutor/aluno, que é *imersivo e virtual* (SANTAELLA, 2004, p. 31), um leitor do hipertexto e do ciberespaço. Este aluno traça seu próprio caminho em navegações alineares ou multilineares e explora várias dimensões de conteúdos, entrecruza os dados com outros textos, compara-os e gera um terceiro ou um quarto conteúdo. Ao desconsiderarem o estar no mundo e viver na era das TIC, os professores ignoram as novas demandas e exigências de novas competências dos educandos, do letramento digital, quais sejam:

- Capacidade de usar a informação de modo rápido e flexível.

- Avaliação e gestão das informações.
- Organização e ativação dos conhecimentos.
- Saber procurar e onde procurar.
- Distinguir o que é relevante e o que é irrelevante.
- Distinguir e selecionar autorias significativas.
- Saber construir conhecimento e criar soluções inovadoras (LÉVY, 2004).

Eis o que se almeja em um cenário tão complexo: uma formação docente cuja prática pedagógica seja mediadora, democrática e de qualidade. Tal contexto traz desafios que permeiam o ensino universitário contemporâneo: necessita-se de uma formação docente conjunta com interdisciplinaridade, projetos, integração curricular, avaliação para a aprendizagem e trabalho com autoria.

Para isso, o docente deve criar oportunidades para que os estudantes possam assumir plenamente a autoria e se formem leitores e escritores proficientes. É fundamental ressignificar o uso das novas tecnologias da informação dentro da universidade de forma a mudar o modelo de aula obsoleta e nada emancipador. As novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) transformaram as relações e a dinâmica da sala de aula e ampliam as possibilidades de inserção e letramento digital.

Antes de apresentar as definições mais amplas, que tomam o letramento digital como prática social culturalmente constituída, Souza (2007) traz um pertinente comentário, feito por Smith (2000), de que cada vez se torna mais difícil e complexo determinar quem é letrado no meio digital. *Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso. Assim, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua* (FREITAS, 2010, grifo nosso).

Os professores universitários devem constituir a sala de aula em espaço no qual não apenas se democratize o acesso às novas tecnologias, mas também se assegure que essa construção seja uma apropriação ativa e crítica. Assim, muito além do acesso às TIC e do domínio operacional das ferramentas tecnológicas, o estudante deve ter a autoria e assimilar o processo de apropriação social da tecnologia e seu uso crítico e inovador.

Considerando os dados do Inaf e a formação inicial de muitos dos nossos alunos da graduação, em sala de aula, temos de ser mais do que treinadores, instrutores, conselheiros, facilitadores! Temos de formular problemas, provocar situações, instigar novos olhares, dialogar com várias concepções e diversos autores. Nas aulas, presenciais ou a distância, o professor/tutor deve disponibilizar domínios de conhecimento, auxiliando pesquisas para que os alunos, instigados e “nutridos” de pesquisa, em estado potencial do conhecimento, possam construir mapas conceituais e conduzir suas pesquisas. Assim, o professor mediador é um criador de âmbitos, porque proporciona um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos e assim, em lugar da recepção passiva, o aluno se envolve com as proposições, reflete, participa, modifica e ressignifica. Constrói conhecimento e autoria. É preciso um leitor e escritor mais experiente, o professor, para fazer a caminhada interpretativa com os alunos, desvendando caminhos, verificando com eles a situação comunicativa (Quem escreveu? Para quem? Para quê?), o suporte, a intencionalidade, o gênero textual, o estilo do autor, a variação linguística. Ressalte-se que no ambiente virtual o aluno pode acessar produções e publicações de diferentes áreas em bibliotecas virtuais, em inúmeros *sites*, que disponibilizam artigos, teses e alguns livros completos. O acesso às informações está se democratizando e se tornando fácil para todos! Pode-se percorrer, portanto, vários discursos e opiniões sobre determinado tema. Temos muitos autores de renome discutindo, defendendo e refutando um assunto e sob diferentes perspectivas. Assim,

o trabalho mediador pode se tornar essencial, já que o falar, o ler e o escrever “bem”, com proficiência, poderão ser vivenciados pelos alunos, e estes terão possibilidade de concretizar a proficiência em linguagens e o letramento digital.

3. Considerações finais

Desenvolver um trabalho mediador diante de um mundo cheio de linguagens diversas e de acesso a informações é oportunizar ao ser humano interagir com as informações e construir conhecimento. É instigar a reflexão e emancipar o indivíduo.

É fundamental ressignificar a prática pedagógica diante de um cenário tão complexo e muitas vezes excludente, para um letramento digital em que se promova a participação efetiva e igual na sociedade. A formação leitora e escritora proficiente deve acontecer independentemente da tecnologia, porém com ela as atividades com a linguagem podem instigar mais, atrair e possibilitar a vivência significativa com muitas informações. A comunicação não se esgota no verbal e não se constrói sem interação.

Assim, não é a tecnologia que fará a diferença na formação leitora e escritora – proficiente! Do ciberespaço! – mas uma modificação na educação formal, assim como uma mediação docente eficaz.

Não se trata, obviamente, de negar o desenvolvimento tecnológico nem de afirmar que ele não ofereça novas oportunidades de produção do saber e de relações humanas. Trata-se, pelo contrário, de assumir que a democracia social implica a modificação na estrutura do poder e a redefinição do uso social do conhecimento (BRITTO, 2003, p. 54).

Ressalte-se que embora recebamos na graduação alunos que fazem parte dos dados do Inaf, sabemos da possibilidade de modificar o nível de letramento do nosso aluno e de incluí-lo ao universo do ciberespaço para que ele possa interagir e tornar-se emancipado e autor de seus discursos

na sociedade do conhecimento. Ainda que seja um processo complexo, lento e desafiador, que se faça a melhor mediação pedagógica na universidade para – pensando nos discursos implícitos que desfiguram a realidade e limitam nossa possibilidade de dialogar e construir conhecimento – sermos autores dos nossos discursos. A metáfora visual de Salvador Dalí e a proposta de exploração do onírico e da ilusão de óptica possibi-

litam ilustrar as tensões vividas neste contexto de acesso a tantas informações e muitas vezes a falida e ineficaz construção de conhecimento rumo à emancipação e à formação de leitores e escritores proficientes do ciberespaço. A ilusão de óptica da tela também possibilita refletir a respeito das tensões sobre os discursos ideológicos implícitos de manipulação social não identificados no cotidiano pelos estudantes.

Figura 1 – *Aparição de um rosto e de uma fruteira na praia* (1938), de Salvador Dalí (1904-1989)



A mediação docente possibilitará ao estudante não apenas “enxergar” o imenso cachorro da tela, mais também explorar, sob várias ópticas, as múltiplas imagens e construções interpretativas da tela, tal como nas leituras canônicas, impressas ou virtuais. Aí estará a beleza dessa obra de arte e aí estará a possibilidade de enxergarmos belezas despidas das imposições da concepção do belo nas linguagens dos livros que necessariamente teremos de ler!

Figuras e ilustrações

DALÍ, S. *Aparição de um rosto e de uma fruteira na praia*. 1938. Óleo sobre tela, 114,2 x 143,7 cm. Wadsworth Atheneum, Hartford, Connecticut, EUA.

Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRITTO, L. P. L. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial/Editora da Unesp, 2009.

COLELLO, S. M. G. *A escola que (não) ensina a escrever*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FERREIRO, E. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017>. Acesso em: 5 ago. 2016.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Relatórios Inaf Brasil*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/pt-br/programas/inaf/relatorio-sinafbrasil/Paginas/default.aspx?p=1>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

LARROSA, J. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/index.asp>>. Acesso em: 12 jun. 2007.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.

MCKENZIE, D. F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.